

**ALEXANDRE CARRIERI: OUSADIA E RESISTÊNCIA NOS
ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, ACOLHIMENTO E RESPEITO
ÀS MINORIAS SOCIAIS NA ACADEMIA**

Denis Alves Perdigão¹

UMA JUSTA HOMENAGEM A UM PROFESSOR (EXTRA)ORDINÁRIO

Uma das tarefas mais difíceis que o ser humano é compelido a realizar refere-se à tentativa de transpor para o 'papel' suas memórias, pensamentos e sentimentos. Tarefa inglória, visto que, o 'papel' não comporta o registro completo de nosso mundo íntimo, em toda a sua complexidade e amplitude. Escrever implica em fazer escolhas entre o que dizer e o que silenciar. E mesmo escolhendo dizer muito, se diz pouco. Nossa mente acaba sendo o cemitério silencioso da maioria dos nossos afetos, pensamentos e histórias.

Apesar das dificuldades, não se pode perder a oportunidade de compartilhar um pouco das experiências vividas, especialmente quando tais memórias e sentimentos são evocadas em homenagem a alguém que muito se admira.

¹ Doutor em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora. <http://lattes.cnpq.br/6211019088745037>. <https://orcid.org/0000-0002-8821-7823>. denis.perdigao@ufjf.edu.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Avenida Doutor Raimundo Monteiro Rezende, 330, Centro, Governador Valadares, MG, Brasil. CEP: 35010-177. Telefone: (55 33) 33011000, ramal: 1905.



Foi, portanto, com grande alegria que recebi, e prontamente aceitei, ao convite de escrever algo em homenagem ao Professor Alexandre de Pádua Carrieri, ou apenas Carrieri, como a maioria dos(as) discentes, acadêmicos(as), orientandos e orientandas o tratam.

A alegria de prestar essa homenagem é grande. Mas, logo após o aceite ao convite, vem uma fase de conflito íntimo relacionado ao que dizer, o que contar, como tornar essa homenagem, embora singela, a melhor possível nos limites de nossa capacidade. Assim, após muito pensar, resolvi abordar dois aspectos que, particularmente, considero essencialmente importantes quando se fala do Carrieri, a saber: sua importância na construção de uma área de Estudos Organizacionais mais ousada e resistente ao poder hegemônico; sua capacidade impar no acolhimento e respeito que promove ao receber, na Academia, os filhos e filhas das minorias sociais que ousaram romper com o destino imposto por suas heranças sociais (Bourdieu, 2011; 2012; 2013; Bourdieu & Passeron, 2014; Mattos, 2011; Nogueira & Nogueira, 2002) e desejaram ocupar lugares antes reservados apenas às classes mais favorecidas.

Começarei pela última e, para tratar dela, peço licença para falar um pouco de mim mesmo, já que, como muitos outros colegas que conheci na Universidade Federal de Minas Gerais, sou uma dessas pessoas que foram acolhidas pelo Carrieri e tive minha vida transformada. Embora as histórias de outras pessoas sejam muito mais interessantes e relevantes que a minha, penso que cabe a elas própria as compartilharem, se desejarem, e pontuarem o quanto Carrieri as ajudou em suas trajetórias de vida. Dentre aquelas que tiveram essa oportunidade, aproveito para indicar aos leitores e leitoras os textos publicados por duas colegas que muito admiro, Juliana Cristina Teixeira (2019) e Elisângela Domingues Michelatto Natt (2019), que participaram da justa homenagem empreendida ao Carrieri pela Revista Interdisciplinar de Gestão Social (RIGS).

O FILHO DA CLASSE OPERÁRIA CHEGA À UNIVERSIDADE

Como a maioria dos brasileiros e brasileiras, provenho de uma família da classe popular. Meu pai, então já órfão de meu avô, deixou a roça materna para, ainda com 13 anos de idade e poucos anos de educação escolar, morar longe da família em uma pensão familiar em João Monlevade / MG e poder se profissionalizar em um dos cursos do Serviço Nacional da Indústria (SENAI). Aprendeu a profissão de Mecânico de Máquinas Industriais e se empregou na indústria siderúrgica, aproveitando as oportunidades de emprego qualificado gerados no processo de industrialização do Brasil a partir da década de 1950.

Minha mãe, que ao se casar havia deixado os estudos secundários, conseguiu retomar o curso de magistério quando já tinha dois de seus quatro filhos. Após a conclusão do curso de magistério foi aprovada no concurso público para professores da educação infantil da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, município em que morávamos. Exerceu a profissão até se aposentar e, neste percurso, já com 4 filhos e a idade de uma mulher madura, conseguiu ingressar na faculdade e cursar pedagogia, melhorando sua qualificação profissional.

Nasci em Belo Horizonte, no ano de 1976. Morávamos em um bairro pobre da periferia, literalmente às margens das cercas traseiras da Mannesmann S/A, onde meu pai trabalhava. Nas redondezas de minha casa, o simples fato de meu pai ser um trabalhador qualificado da indústria siderúrgica, com trabalho formal e todos os benefícios pertinentes a esta condição, fazia com que tivéssemos uma situação financeira mais confortável em comparação à de muitos vizinhos. Se tomar emprestado os conceitos de Jessé de Souza (2009; 2010), poderia dizer que o bairro era uma mistura de representantes dos batalhadores brasileiros e da ralé brasileira, convivendo harmoniosamente com o espírito de solidariedade que se costuma encontrar nas periferias. Embora tivéssemos uma vida simples, porém confortável, não nos faltava o necessário à sobrevivência. A convivência com

alguns de meus vizinhos na infância foi o meu primeiro contato com a pobreza mais aguda e suas malévolas consequências.

Fui criado, desde sempre, para seguir os passos do meu pai e, assim que chegasse à adolescência, cursar o SENAI e me empregar, como era esperado pela família, também na Mannesmann. Em vários momentos era lembrado desse destino que se fazia compromisso. Para a minha família, o ensino superior, nesta época, era algo muito distante enquanto possibilidade (minha mãe vai ingressar na faculdade anos depois, em tempos mais favoráveis). Somente no doutorado, ao ler o brilhante texto 'As Contradições da Herança', de Pierre Bourdieu (2012), pude me dar conta da complexidade que envolve a herança social e das dificuldades e consequências tanto de rompê-la quanto de cumpri-la, especialmente para a classe popular.

Minha mãe se recorda que, em certa ocasião, enquanto eu cumpria a obrigação semanal de engraxar as botinas de trabalho do meu pai, botinas essas bem sujas de graxa e demais resíduos do ambiente siderúrgico, eu lhe disse que não queria trabalhar sujo como ele (a sujeira se impregnava nos uniformes também). A este apontamento minha mãe respondeu: – Se não quer trabalhar sujo, estude para ter outra profissão! Na medida do possível, sem os privilégios acessíveis à classe média, eu estudei.

Quando chequei à adolescência, com 15 anos, fui indicado por um tio, que era bancário, para participar de um processo seletivo para o banco em que trabalhava. Fui aprovado e, dessa forma, rompi com minha herança social deixando de vir a ser um operário industrial para ser um operário do sistema bancário. O objetivo de não trabalhar sujo foi atingido.

Fiz carreira neste banco durante 18 anos chegando ao nível gerencial. Nesse período me graduei em Administração e construí um plano de carreira que envolvia me tornar professor do magistério superior. Como havia me graduado na Pontifícia

Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), o sonho idealizado era me tornar professor dessa universidade. Para isso, iniciei o mestrado profissional em uma faculdade particular, já que as universidades federais ainda eram, neste tempo, um sonho muito distante para a maioria dos filhos e filhas da classe trabalhadora.

Quando decidi cursar o mestrado o valor das mensalidades equivalia à quase totalidade do meu salário líquido como gerente de banco. Era impossível arcar com esse custo. A alternativa foi me matricular como aluno de disciplinas isoladas, cursando uma disciplina por vez, de forma a pagar apenas a metade do valor convencional da mensalidade. Cursei a metade das disciplinas dessa forma e apenas me tornei aluno regular quando não me permitiram mais cursar disciplinas isoladas.

Enquanto a graduação me apresentou a Administração apenas por meio da perspectiva gerencialista, contribuindo para a disseminação da cultura do management (Wood Jr. & Paula, 2002), o mestrado, embora profissional, me apresentou, com limitações, a algumas perspectivas mais críticas, contestadoras do paradigma hegemônico. Foi gratificante saber que as críticas que eu tinha para com a gestão organizacional, com base em minha vivência enquanto trabalhador de um dos maiores bancos privados do Brasil, eram estudadas e fundamentadas por pesquisadores de uma interessante área da Administração, os Estudos Organizacionais.

Peço desculpas aos leitores e leitoras por me estender neste relato! Falta pouco para trazer o Carrieri para essa história.

Levei quatro anos para concluir o mestrado, devido às dificuldades financeiras que, como já narrado, me fizeram cursar boa parte do curso como aluno de disciplinas isoladas e outras eventualidades. Defendida a minha dissertação iniciei

a minha carreira docente em faculdades particulares e não demorou muito para deixar a carreira bancária.

Era coordenador de curso quando, em uma conversa animada com professores e professoras em um momento de intervalo, o doutorado virou tema de discussão. A maioria dos presentes manifestou o desejo de, um dia, cursar um programa de doutorado. Mas, curiosamente, falou-se em oportunidades de cursar em instituições particulares da Argentina, em particulares do Brasil, mas ninguém considerou a possibilidade de realizar tal objetivo na UFMG ou outra universidade federal. Aqueles professores e professoras, pessoas mais maduras e experientes profissionais de mercado, não se sentiam aptos ou dignos de serem aceitos em uma universidade federal. Confesso que também pensei assim.

Não obstante, alguns meses depois, com a ideia de cursar um doutorado crescendo em minha mente, tive a curiosidade de pesquisar sobre o processo seletivo da UFMG e, no momento oportuno, me inscrevi, sem fazer a menor ideia de que uma universidade federal era um mundo novo, diferente de tudo o que eu imaginava nas comparações que podia fazer com as instituições que conhecia.

E foi assim que tomei conhecimento do Carrieri. Analisando o currículo dos professores e professoras que compunham o programa, me identifiquei com os interesses de pesquisa dele e desejei ser seu orientando. Mas, é claro, que não seria tão fácil assim. O mestrado profissional me ajudou, mas não foi suficiente para me fazer compreender a complexidade das diferentes epistemologias e paradigmas que envolvem a área de Estudos Organizacionais, tampouco em me ajudar a me despir completamente da influência gerencialista absorvida em 18 anos de trabalho bancário. Quem conhece o Carrieri sabe que é improvável que ele selecione como orientando alguém desavisado como eu que fui para a entrevista de seleção do programa de doutorado vestindo um belo terno, com ele compondo a banca.

Penso ter feito uma boa entrevista e ter escrito um projeto minimamente decente, pois fui aprovado e selecionado para ser orientado, não pelo Carrieri, mas por docente do programa com perfil gerencialista.

Meu primeiro ano no doutorado foi um inferno! Não estava adaptado às rotinas de leitura e demais exigências típicas de um programa de excelência. Não me adaptei com os interesses de pesquisa e identificação epistemológica da pessoa designada para me orientar, o que acabou desencadeando um conflito.

Certa vez, conversando com o Carrieri após uma aula, contei sobre uma situação que havia ocorrido comigo na faculdade em que trabalhava como coordenador de curso, que oportunamente publiquei como um caso para ensino (Perdigão, 2012). O *feedback* que o Carrieri me deu sobre tal caso e a relevância dele como um tema interessante para pesquisa mudou minha vida a partir daquele momento.

Percebendo a impossibilidade de reconciliar os interesses acadêmicos com minha orientadora resolvi enfrentar o problema. Conversei com o Carrieri e expus minha situação, pedindo-lhe acolhimento. Mudei o tema de minha pesquisa adaptando-o aos interesses e abordagens mais próximas às realizadas pelo Carrieri e formalizei um pedido de troca de orientação, que colocou minha permanência no programa em risco. Descobri, tardiamente, que as universidades federais (desculpem-me pela generalização) necessitam melhorar os processos de acolhimento, adequação e inclusão de seus discentes. Não são muitos os docentes que compreendem bem o papel social das universidades públicas na transformação social, em especial, daqueles que, pertencentes às diferentes minorias sociais, ousam disputar um lugar e lutam por sua permanência na universidade. Felizmente, Carrieri é um deles.

Tentaram, mas não conseguiram me colocar para fora do programa de doutorado. Carrieri foi essencial para que isso não ocorresse. Comprou uma boa briga por mim para que a troca de orientação fosse aprovada e graças à sua orientação pude

escrever um novo projeto a tempo de cumprir com prazos e exigências qualificadoras para a permanência no programa. As disputas políticas e relações de poder ocorrem com muita virulência nas universidades federais, o que ainda hoje me causa muito estranhamento e indignação.

Carrieri me acolheu em seu grupo de pesquisa e, a partir daí, um novo mundo se descortinou para mim. Se minha experiência no mestrado me ajudou a dar os primeiros passos no desenvolvimento do pensamento crítico, Carrieri e toda a equipe do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS), a quem serei eternamente grato, me ajudaram a progredir como nunca imaginei. Uma das muitas qualidades do Carrieri a serem destacadas é a sua capacidade em contribuir para o desenvolvimento intelectual de seus orientandos e orientandas, bem como na sua formação enquanto pesquisadores sensíveis ao ser humano e às dificuldades de sua vivência em uma sociedade construída sobre profunda exploração e desigualdade social.

No NEOS conheci pessoas maravilhosas, de diferentes cores, diferentes sexualidades e gêneros, diferentes lugares, diferentes culturas, diferentes saberes, diferentes classes sociais, diferentes interesses de pesquisa, com lindas histórias de vida. Todas elas, ou a sua maioria, acolhidas pelo Carrieri e auxiliadas em necessidades particulares que nunca poderia imaginar que um docente de uma universidade federal fosse capaz de empatizar e atuar. Carrieri não é apenas um professor e pesquisador de excelência, que se preocupa com o desenvolvimento formativo de seus discentes e orientandos(as). Ele é um ser humano bom, generoso, que se importa com as dificuldades alheias e, sendo possível, auxilia da maneira que pode.

Graças a docentes como o Carrieri, pessoas como eu, oriundos de minorias sociais, puderam escusar sua herança social e chegar aonde nunca tinham imaginado. O filho do operário, além de não precisar trabalhar sujo, foi o primeiro membro de sua grande família a obter um título de doutorado. Também não se

tornou professor da PUC Minas, como havia ambicionado quando decidiu cursar mestrado. Se tornou professor de uma universidade federal, foi diretor eleito de sua unidade acadêmica, leciona para programas de mestrado, teve e tem o privilégio de orientar outras pessoas maravilhosas que, como ele, são oriundas de minorias sociais e estão fazendo pesquisas importantes de interesse e preocupação social.

Não há educação que transforme e auxilie no desenvolvimento social das pessoas sem professores que façam a diferença neste processo. Tive a sorte de ter tido Carrieri como um desses professores e sou-lhe grato por ter me ajudado e me inspirar, ainda hoje, a buscar ser um professor melhor.

CARRIERI E O DESENVOLVIMENTO DA ÁREA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS PARA ALÉM DA OBJETIVIDADE E DO CONTROLE SOCIAL

Como bem nos lembra Elisa Ichikawa (2019), na década de 1990 a área de Estudos Organizacionais, antes denominada de área de Organizações, apesar de se diferenciar das outras áreas pelos temas que abordava, reproduzia em sua forma de trabalho os valores gerencialistas do paradigma hegemônico.

(...) as questões epistemológicas que estavam por trás dessas temáticas traziam uma explicação muito parcial do fenômeno organizacional: eram ainda abordagens estrutural-funcionalistas, nas quais a discussão girava em torno da objetividade e do controle social (Ichikawa, 2019, p. 65).

Esse contexto impactava, também, nas abordagens metodológicas, com a valorização daquelas que privilegiavam as generalizações e proporcionavam uma aparência de neutralidade nas investigações científicas. Ichikawa (2019) relembra que, nesta época, a pesquisa qualitativa encontrava grande barreira no ecossistema acadêmico-científico da Administração, tendo os pesquisadores e pesquisadoras, utilizadores dessa abordagem, dificuldades em aprovar seus trabalhos em congressos e revistas científicas.

Foram necessárias lutas para angariar espaço e respeitabilidade na área pelos pioneiros e pioneiras que favoreceram com que as novas gerações de pesquisadores pudessem pesquisar, com maior liberdade e reconhecimento, temas contra hegemônicos a partir de epistemologias mais críticas e aplicação de metodologias qualitativas variadas (Ichikawa, 2019). Isso permitiu o desbravamento dos instigantes e variados fenômenos relacionados às pessoas, nos mais variados tipos de organizações, entrando neste bojo, inclusive, a problematização e ampliação daquilo que se pode considerar Organização.

Carrieri, como bem reconhece Ichikawa (2019), figura entre esses acadêmicos a quem devemos a transformação da área de Estudos Organizacionais, tornando-a mais inclusiva e aberta a novas possibilidades de pesquisa.

Esses avanços na área, somados aos benefícios relacionados à expansão do ensino superior a partir do final da década de 1990 (Carvalho, 2006; Catani & Hey; Gilioli, 2006; Chaves, 2010; Saraiva & Nunes, 2011), primeiramente das instituições de ensino superior (IES) privadas, e mais particularmente, a partir de meados da década de 2000, com a expansão das IES públicas federais e adoção de novas políticas de acesso, favoreceram com que um novo perfil de estudantes, oriundos das classes populares e vinculados a diferentes grupos de minorias sociais, pudessem ingressar nas universidades, diversificando o perfil dos ingressos e colaborando, também, para a diversificação dos interesses de pesquisa.

Carrieri exerceu e exerce um papel de destaque neste contexto. Como já abordei no tópico anterior, é da natureza de seu espírito o acolhimento às pessoas, especialmente, daqueles socialmente desprestigiados. A natureza contestadora e revolucionária de Carrieri quanto ao *mainstream* contribuiu para o desenvolvimento da racionalidade crítica, com forte preocupação social, de seus orientandos e orientandas. Essa parceria resultou, ao longo do tempo, em mais pesquisas inovadoras e expansionistas para o campo dos Estudos Organizacionais. Pesquisas que ousam resistir ao *status quo* propondo temas,

abordagens epistemológicas, teorias e métodos que tencionam e contrapõe a perspectiva estrutural-funcionalista. Não é de se admirar que o Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS), grupo de pesquisa coordenado pelo homenageado, se tornou uma importante referência nacional para muitos pesquisadores e pesquisadoras da área.

Era minha intenção apresentar, neste texto, algumas das temáticas que foram ou estão sendo desenvolvidas pelos pesquisadores do NEOS, coordenadas e orientadas pelo Carrieri, como forma de demonstrar com exemplos mais concretos, a importância de sua colaboração para o desenvolvimento da área de Estudos Organizacionais. No entanto, a diversidade, riqueza e volume de projetos e trabalhos publicados (são, até o momento, 239 artigos publicados) me impedem de selecionar alguns exemplos em detrimento da escolha de tantos outros, produzidos ao longo da carreira de nosso homenageado, que também mereceriam ser mencionados. Fica, dessa forma, o convite para que os leitores e leitoras interessados consultem no Currículo Lattes de Alexandre Carrieri e possam verificar, por si mesmos, o registro de sua produtiva e contributiva carreira acadêmica.

CONCLUINDO SEM NADA CONCLUIR, APENAS DESEJANDO

Encerro esse singelo texto regozijado com a oportunidade de participar dessa justa homenagem prestada a Alexandre Carrieri, a quem tanto admiro e agradeço o acolhimento e contribuição que ofereceu à minha carreira acadêmica.

Faço votos de que, por muito tempo ainda (aposentar para que? Não é mesmo?) possamos contar com sua prestigiosa colaboração na Academia, acolhendo e educando pessoas que, se souberem aproveitar os ensinamentos que lhe são ofertados por Carrieri, saberão atuar socialmente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Que ele possa continuar acolhendo na universidade, como sempre o fez, pessoas de todas as cores, sexualidades e gênero, origem e posição social, ou de qualquer outro tipo de distinção socialmente utilizada para invisibilizar e discriminar, de forma que o NEOS continue formando pesquisadores e pesquisadoras não alinhados(as) aos poderes hegemônicos, resistentes como seu professor, dando voz, por meio de suas pesquisas, às minorias desprestigiadas e denunciando as violências que lhes são impingidas cotidianamente.

Que possa, também, permanecer colaborando com a da área de Estudos Organizacionais, auxiliando no desenvolvimento de perspectivas críticas que propiciem o avanço do conhecimento científico em benefício da construção de uma sociedade melhor.

Por fim, me resta desejar, com a força de meus melhores sentimentos, que Alexandre Carrieri seja sempre muito feliz e realizado! Porque você, meu querido Professor, que com seu coração generoso a tantos ajudou, merece os melhores regozijos.

REFERÊNCIAS

Bourdieu, Pierre (2013). *A distinção: crítica social do julgamento* (2a ed). Porto Alegre: Zouk.

Bourdieu, Pierre (2012). *Escritos de educação* (13a ed). Petrópolis: Vozes.

Bourdieu, Pierre (2011). *Razões práticas: sobre a teoria da ação* (11a ed). Campinas: Papirus.

Bourdieu, Pierre & Passeron, Jean-Claude (2014). *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: UFSC.

Carvalho, Cristina H. A. (2006). O PROUNI no governo Lula e o jogo político em torno do acesso ao ensino superior. *Educação & Sociedade*, 27(96), 979-1000.

Catani, Afrânio M., Hey, Ana P., & Gilioli, Renato S. P. (2006). PROUNI: democratização do acesso às instituições de ensino superior? *Revista Educar*, 28, 125-140.

Chaves, Vera L. J. (2010). Expansão da privatização/mercantilização do ensino superior brasileiro: a formação dos oligopólios. *Educação & Sociedade*, 31(111), 481-500.

Ichikawa, Elisa Y. (2019). Resistir em estudos organizacionais: o que aprendi com ele. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 8(3), 63-68.

Mattos, Patricia (2011). A distinção: crítica social do julgamento. *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, 8, 303-306.

Natt, Elisângela D. M. (2019). Sem açúcar e com afeto: a trajetória de Alexandre Carrieri nos estudos organizacionais. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 8(3), 21-39.

Nogueira, Cláudio M. M. & Nogueira, Maria A. (2002). A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, 23(78), 15-36.

Perdigão, Denis A. (2012). O dilema de Jusciléia: formação superior e (im)possibilidades de reinserção profissional. *Tecnologias de Administração e Contabilidade*, 2(1), 50-55.

Saraiva, Luiz Alex S. & Nunes, Adriana S. (2011). A efetividade de programas sociais de acesso à educação superior: o caso do ProUni. *Revista de Administração Pública*, 45(4), 941-964.

Teixeira, Juliana C. (2019). O Carrieri e o afeto no reconhecimento do “poder duradouro da branquidade: (como) um problema a solucionar”. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 8(3), 71-80.

Wood Jr., Thomaz & Paula, Ana P. P. (2002). Pop-management: contos de paixão, lucro e poder. *Organizações & Sociedade*, 9(24), 39-51.

CONTRIBUIÇÃO

Denis Alves Perdigão

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

-

COMO CITAR

Perdigão, Denis A. (2023). Alexandre Carrieri: ousadia e resistência nos estudos organizacionais, acolhimento e respeito às minorias sociais na academia. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 10(29), 535-549.